

**SÃO
BERNARDO**

ANOSTRA

SÃO BERNARDO



GRACILIANO
RAMOS

TORDSILHAS

SÃO BERNARDO

Copyright © 2026 TORDESILHAS

Tordesilhas é um selo da Alaúde Editora Ltda., editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

ISBN: 978-65-5568-176-5

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ramos, Graciliano, 1892-1953
São Bernardo / Graciliano Ramos. -- 1. ed.
--Rio de Janeiro : Tordesilhas, 2026.

ISBN 978-65-5568-176-5

1. Ficção brasileira I. Título.

24-200432

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books
Diretor Editorial: Anderson Vieira
Vendas Governamentais: Cristiane Mutús
Coordenadora Editorial: Mariana Portugal
Produtora Editorial: Luana Maura

Revisão: Luíza Thomaz & Renan Amorim
Aparato: André Caramuru
Diagramação: Rita Motta
Designer de capa: Beatriz Frohe
Ilustração de capa: Loren Bergantini
Ilustração de miolo: Leblu



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouvdoria: ouvdoria@altabooks.com.br



abir
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
EDITORES INDEPENDENTES

Editora
afiliada à:



São Bernardo

Graciliano Ramos

André Caramuru Aubert

Quando lançou *São Bernardo*, em 1934, seu segundo romance, Graciliano Ramos ainda não desfrutava, na literatura brasileira, o prestígio que o tempo lhe daria. No ano anterior, havia saído *Caetés*, um romance, segundo críticos como Alfredo Bosi, “bom, mas não ótimo”. *São Bernardo* foi a obra que começou a mudar as coisas: depois dela, as pessoas começaram a olhar com outros olhos aquele desconhecido escritor de Alagoas. Nos anos seguintes, viriam outras obras, como *Vidas secas* (1938), seu romance mais conhecido, mas *São Bernardo* já havia assegurado um lugar de destaque para Graciliano Ramos no panteão dos grandes romancistas brasileiros do século XX.

Graciliano Ramos já não era novo quando estreou na literatura e, por isso, não fez parte da primeira geração modernista, a da Semana de 1922, de Mario de Andrade (de *Macunaíma*) e Oswald de Andrade (de *Serafim Ponte Grande*). Fez parte da segunda, a de Érico Veríssimo e Jorge Amado. A primeira, pioneira, foi a que olhou para o Brasil e os brasileiros de novas formas e abriu as portas para possibilidades inovadoras de temas e de linguagem. Graciliano foi um dos autores que melhor soube incorporar as possibilidades apresentadas por aquele primeiro grupo, explorando-as de maneira absolutamente magistral.

Graciliano Ramos: a literatura e a vida

A vida literária de Graciliano Ramos teve um começo curioso. Prefeito por dois anos da cidade de Palmeira dos Índios, em Alagoas, Graciliano enviou relatórios anuais ao governador do estado que foram considerados obras verdadeiramente literárias e acabaram circulando informalmente por todo o país, chegando até a então capital federal. No Rio de Janeiro, um dos entusiasmados leitores foi o editor e poeta modernista Augusto Frederico Schmidt, que teria pensado: “*Um sujeito que escreve um relatório desses tem, com certeza, o talento para escrever um romance.*” Schmidt, de quem Graciliano ficaria amigo até o fim da vida, foi um dos principais editores da fase de consolidação do modernismo, responsável pelo lançamento de livros como *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre, além de ter apadrinhado as estreias de autores como Jorge Amado, Raquel de Queiroz e Vinícius de Moraes. Procurado e convencido por Schmidt, Graciliano escreveu *Caetés*, seu livro de estreia (1933). Ainda que não possa ser situado no mesmo patamar artístico de obras posteriores, como *São Bernardo* ou *Angústia*, o romance era bom o suficiente para firmar o nome de Graciliano como um escritor a ser levado em conta.

Depois de *Caetés*, vieram em rápida sucessão os romances *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) e *Vidas secas* (1938), as coletâneas de contos *Dois dedos* (1945), *Histórias incompletas* (1946) e *Insônia* (1947), alguns volumes de crônicas, registros de viagens e de literatura infantojuvenil. Graciliano ainda publicaria dois importantes livros de memórias, *Infância* (1945) e, postumamente, a obra-prima *Memórias do cárcere* (1953).

A carreira de Graciliano Ramos na literatura foi meteórica. Estreou tarde, pois quando *Caetés* foi publicado, ele já havia passado dos 40 anos. O sucesso, como vimos, foi imediato, mas a vida seria curta: tirada por um câncer do pulmão, em março de 1953, aos 60 anos. Ou seja, foram apenas vinte anos de carreira, somente quatro romances e dois volumes de memórias, além das coletâneas de contos e de crônicas, mas o suficiente para que Graciliano ocupasse, numa visão quase unânime, o lugar mais elevado entre os escritores de sua geração e o de um dos maiores romancistas brasileiros de todos os tempos.

As origens de Graciliano não pareciam indicar que sua vida tomaria o rumo que tomou. Nascido em Quebrangulo, interior de Alagoas, em 1892, primogênito de dezesseis filhos de uma família de classe média, num tempo em que a mobilidade social era ainda mais difícil do que é hoje, o mais provável é que ele chegasse à idade adulta exercendo alguma atividade compatível com suas origens, que geravam, por exemplo, farmacêuticos, pequenos comerciantes, contadores, agrimensores, servidores públicos e, também,

jornalistas. E, de fato, assim que terminou o equivalente ao atual ensino médio em Maceió, rumou para o Rio de Janeiro, onde as notas biográficas dizem que trabalhou como jornalista.

Na prática, porém, sabemos que, naquele período, a principal atividade de Graciliano nos jornais era a de revisor. Se, na época, jornalista ganhava mal e trabalhava muito, a vida de revisor era ainda mais difícil. Em *Metrópole à beira-mar — o Rio moderno dos anos 20* (São Paulo, Cia das Letras, 2019), Ruy Castro escreve, num trecho em que se refere ao jornalista Orestes Barbosa: “A revisão era considerada os rins e o fígado de um jornal, e nem todos se davam bem nela — em 1914, Orestes conheceria um jovem revisor do Correio da Manhã, recém-chegado de Alagoas, e que logo voltaria desanimado para sua terra, da qual só sairia de novo vinte anos depois: Graciliano Ramos.” As biografias dizem que Graciliano voltou para Alagoas porque uma epidemia de peste bubônica matara três de seus irmãos e um sobrinho, mas diante dos fatos narrados por Ruy Castro, é fácil concluir que havia pouca coisa a prender Graciliano no Rio de Janeiro daqueles primeiros anos.

De volta a Alagoas, Graciliano pareceu retomar sua sina. Em Palmeira dos Índios, já então uma das cidades mais importantes do estado, passou a ajudar o pai em seu pequeno comércio. Casou-se, teve quatro filhos, enviuvou, casou de novo e teve mais filhos. E sempre dava um jeito de publicar um artigo aqui, outro ali, na imprensa estadual (a intimidade de Graciliano com esse universo fica evidente em muitos trechos de *São Bernardo*). Com isso, seu nome acabou ganhando certa proeminência na região, a ponto de o governador, em 1927, tê-lo convencido a disputar a eleição para prefeito de Palmeira dos Índios, como candidato único (algo comum no Brasil daqueles anos). Obviamente, venceu a eleição. Graciliano já tinha, então, 35 anos, e nada ainda parecia indicar que sairia dali um dos mais importantes romancistas brasileiros.

A carreira de prefeito terminou com apenas dois anos de mandato, mas os relatórios enviados ao governador desencadearam o convite para escrever o primeiro romance. Ao fim do primeiro ano de mandato, o prefeito escreveu um relatório ao governador do estado. Ao fim do segundo, escreveu outro, e aí chegamos a Augusto Frederico Schmidt. O governador se deliciou com o que leu e o compartilhou. O prefeito, pouco adaptado às picuinhas da pequena política, logo renunciaria. Mas os relatórios que havia enviado, verdadeiras obras literárias, como escrevi acima, estavam circulando pelo país. Chegaram ao Rio de Janeiro, a Augusto Frederico Schmidt, que o convidou para escrever um romance, que viria a ser seu livro de estreia, *Caetés*. Graciliano, casado pela segunda vez e pai de sete crianças (um oitavo filho morreu com 6 meses de vida), vivia em constante aperto. Por mais que a carreira literária evoluísse

bem — e evoluiu, com sucesso imediato de crítica e boas vendas —, Graciliano vivia sempre ansioso, sem dinheiro, inseguro quanto à qualidade de seus textos e, talvez em parte por tudo isso, fumando sem parar, acendendo um cigarro no outro, criando as condições para o surgimento do câncer de pulmão que o matou apenas vinte anos após a estreia na literatura.

De um jeito ou de outro, foi com *São Bernardo*, seu segundo romance, que Graciliano Ramos passou do *status* de promessa literária ao de romancista do primeiro escalão. Hoje, quando se fala em Graciliano Ramos, a referência imediata é à sua obra mais famosa, *Vidas secas*, ou à mais ambiciosa, *Memórias do cárcere*. É inegável, no entanto, que *São Bernardo* é um livro de primeira grandeza, nada devendo aos outros que escreveu.

O Graciliano escritor pouco a pouco deixaria para trás a política tradicional da República Velha. Ainda trabalharia como funcionário público em Alagoas por alguns anos, terminando a carreira como diretor do ensino público (o equivalente, hoje, a secretário de educação), cargo que ocupou até a véspera de ser preso pelo governo Vargas. Graciliano se encantara com as promessas do socialismo de criar um mundo mais justo, e no Brasil de extremos daqueles anos, com os fascistas do integralismo de um lado e os comunistas de outro, a opção por este lado lhe custaria o emprego público e, pior, a liberdade, com onze meses passados na prisão (magistralmente descritos em *Memórias do cárcere*). Não se trata aqui de detalhe trivial, uma vez que as posições políticas de Graciliano são traço inseparável de sua obra literária. Ainda que mais fortes em *Vidas secas* e, obviamente, em *Memórias do cárcere*, elas estão presentes em todos os livros do autor, incluindo *São Bernardo*.

Mas ainda que o aspecto político ou de denúncia social seja algo indissociável da obra de Graciliano Ramos, o ponto mais importante é o estilo, aquilo que Augusto Frederico Schmidt tão habilmente identificou nos relatórios do prefeito de Palmeira dos Índios. Limpo, direto, econômico nas palavras e nos adjetivos, servindo de suporte para uma excepcional descrição de personagens, suas vidas, seus sucessos e fracassos.

São Bernardo

Em *São Bernardo*, depois dos três curtos capítulos iniciais, nos quais, em conversa direta com o leitor, de maneira falsamente descontraída e autodepreciativa (que nos faz lembrar Machado de Assis), o narrador explica seu projeto literário, se apresenta e introduz alguns dos outros personagens, a história rapidamente ganha intensidade e força, usando os recursos estilísticos que viriam a ser as marcas registradas de Graciliano: linguagem oralizada

e austeridade no emprego das palavras, numa combinação dura e seca, que muito combinará com a dureza e a secura da própria história narrada e da personalidade de seu protagonista.

Quem narra o livro é Paulo Honório (só ficamos sabendo seu nome e sua idade, 50 anos, no terceiro capítulo), um sujeito de origem humilde, órfão, com enorme gana em vencer na vida. A história propriamente dita começa no Capítulo 4, quando somos informados da origem humilde do narrador, de sua ascensão social e da decisão de voltar à terra natal (Viçosa, no interior de Alagoas) e, lá, comprar a fazenda São Bernardo, onde nasceu e foi, na infância, um trabalhador rural muito pobre. A história poderia ser rapidamente resumida como a de um filho enjeitado que volta por cima à terra de origem. Além da conquista material, ele buscará também cultivar amizades e se casar, mas a dureza de sua personalidade deixará qualquer ideia de felicidade conjugal muito longe de seu alcance.

Os personagens do livro, além do próprio Paulo Honório, são, em parte, bastante típicos do universo das pequenas cidades brasileiras do começo do século XX: Luís Padilha, o herdeiro de S. Bernardo, um homem preguiçoso e incompetente, que, sob pressão, acaba sendo obrigado a vender a fazenda a Paulo Honório, vindo a aceitar um emprego de professor na escola da fazenda; Casimiro Lopes, uma espécie de faz-tudo (e, se precisar, pistoleiro) de Paulo Honório; o velho Mendonça, fazendeiro vizinho e rival de Paulo Honório, que aparecerá convenientemente assassinado numa estrada, em crime jamais esclarecido; o padre Silvestre, religioso politicamente engajado com a esquerda; Azevedo Gondim, jornalista da pequena imprensa local; João Nogueira, advogado de Paulo Honório; o Dr. Magalhães, juiz de direito em Viçosa; Ribeiro, contador da fazenda, um sujeito que já foi importante, num passado mais arcaico, mas que não se adaptou aos novos tempos e caiu na miséria; Margarida, a negra que criou Paulo Honório e que, já idosa, é procurada, encontrada e levada por ele para morar em São Bernardo (apesar da gratidão que sente por ela, ele não a coloca para viver na casa-grande, deixando-a em uma das casinhas de colonos); D. Glória, tia de Madalena; e finalmente, Madalena, a bela professora primária que Paulo Honório escolhe para esposa e mãe de um herdeiro.

Ainda que o livro, com 36 capítulos curtos, não seja separado em partes, podemos dizer que a primeira metade do livro contará a ascensão de Paulo Honório, e a segunda, a queda. Na primeira metade, ele conquista tudo o que deseja: a terra, os amigos, o prestígio e a mulher; na segunda, em função de sua personalidade, ele se vê em dificuldades para manter o que conquistou, a começar pelo casamento.

Não há muito que Paulo Honório enxergue além do valor da posse e da propriedade das coisas. Não sendo especialmente cruel, o protagonista é, em resumo, frio, calculista e insensível. Não é um assassino declarado, mas não hesita em fazer uso dos recursos mais extremos para atingir seus objetivos. Embora tal maneira de tratar o mundo possa funcionar para a obtenção de vantagens materiais, sem necessariamente trazer a felicidade para quem age assim (como vemos na primeira metade do livro), o resultado não deixa de ser muito pior, até mesmo trágico (como vemos na segunda metade), quando transportado para o terreno dos relacionamentos humanos, em particular os íntimos. Assim, se Paulo Honório teve sucesso em conquistar a fazenda São Bernardo, agir de maneira semelhante para viver um casamento com Madalena não teria como dar certo.

Pode-se apontar uma série de paralelos entre *Vidas secas* e *São Bernardo*: ambos são livros relativamente curtos, se passam no interior do Nordeste e têm protagonistas masculinos com dificuldade em compreender o mundo em volta e se encaixar nele. Por outro lado, ao passo que *Vidas secas* traça a história de um sujeito na miséria, obrigado a deixar sua terra de origem para sobreviver e salvar a família da seca e da fome, *São Bernardo* conta a história de alguém que, em vez de ir embora, volta para a fazenda onde nasceu para tomá-la para si, incessantemente buscando conquistar tudo o que orbita à sua volta. Em *Vidas secas*, Fabiano é miserável e sai, em *São Bernardo*, Paulo Honório ganha poder e fica.

Graciliano Ramos é um dos autores mais estudados da literatura brasileira, perdendo neste quesito, talvez, apenas para Machado de Assis. Teses e mais teses foram escritas sobre sua obra, além de ser objeto de cursos de pós-graduação, seminários e eventos. Da mesma maneira, seus livros foram traduzidos para muitas línguas e continuam a inspirar e a ser adaptados para o cinema, o teatro e a televisão (*São Bernardo* foi filmado em 1972, com direção de Leon Hirszman e com Othon Bastos e Isabel Ribeiro nos papéis principais).

Como sempre acontece com grandes autores, as visões a respeito da obra de Graciliano Ramos sofreram mudanças ao longo do tempo e, como não poderia deixar de ser, refletem as diferentes visões e posições teóricas de seus analistas. Tendo sido Graciliano um membro ativo da esquerda, o que inclusive o levaria a ficar preso por quase um ano, seus livros, que de fato registravam as mazelas do Brasil, foram, por vezes, classificados como romances políticos. Graciliano, um brasileiro que escrevia enquanto o Brasil experimentava os efeitos da Revolução de 1930 e os primeiros anos da ditadura Vargas, foi também visto como um autor que tratava da tensão entre um país arcaico de traços medievais e um país que se modernizava e entrava no capitalismo.

Alagoano que fez com que suas histórias se passassem quase sempre no interior do Nordeste, Graciliano foi também enquadrado como mais um entre muitos outros escritores regionalistas. Legítimo herdeiro da primeira geração modernista, ele foi lido como um mestre na descrição das tensões e desajustamentos insuperáveis entre o “eu” narrador e o mundo em volta. Admirador de Dostoiévski, Graciliano foi visto como narrador de angústias existenciais. Finalmente, atualizando análises que vêm se acumulando desde a década de 1930, no caso específico de *São Bernardo*, pode-se dizer que a crueza e a frieza materialista do protagonista Paulo Honório soam, no mundo de tendências neoliberais de nossos dias, mais atuais do que nunca.

Se o leitor quiser se aprofundar no oceano da fortuna crítica sobre *São Bernardo* e outros livros de Graciliano, encontrará sem dificuldade uma vasta bibliografia, com textos de estudiosos como Octavio de Faria, Antonio Candido, Alfredo Bosi, João Luiz Lafetá, Regina Zilberman, Marilene Felinto, José Aderaldo Castello e muitos outros.

Vê-se que a riqueza da obra de Graciliano permite incontáveis leituras e análises, sob múltiplas facetas. Assim, não caberia, neste prefácio, entrar neste debate, e nem mesmo procurar acrescentar algo a ele. O que se pretende aqui, antes de mais nada, é destacar para o leitor a viagem que é mergulhar numa obra como *São Bernardo*. Uma viagem que, para ser proveitosa, passa por buscar entender e desvendar os recursos (e os truques) do autor, desde a concepção da estrutura da obra, até a escolha das palavras, o ritmo da narrativa, os diálogos, os recursos estilísticos das frases, passando pela construção dos ambientes, dos personagens e das cenas. A boa obra de arte atrai esteticamente e faz pensar, permitindo — ou mesmo exigindo — constantes revisitas e releituras. No caso de Graciliano Ramos, apenas para citar um exemplo, poderíamos dizer que a preocupação social, presente em toda a sua obra, ainda que seja um traço essencial, não seria, por si só, capaz de fazer de seus livros grandes livros. A preocupação social (ou ecológica, ou ideológica, ou política, ou de raça, ou de gênero, ou o que for) tem papel fundamental em nossas vidas, podendo naturalmente estar presente em obras de arte, mas está longe de assegurar, em si, a qualidade delas.

Os livros dos grandes autores são como as telas dos grandes pintores: se apreciadas a distância, mostrarão uma cena geral, na qual se poderão identificar o tema, a estrutura, o equilíbrio entre os volumes, os pontos de fuga e as cores; ao se aproximar um pouco, poderão ser vistos outros elementos, alguns detalhes, as variações de tons das cores e as transições entre elas; vistas bem perto, poderão até fazer desaparecer a visão do todo, mas serão exibidas as

pinceladas e os pigmentos que compõem o céu, as nuvens, as montanhas, as folhas das árvores e, claro, a data e a assinatura do artista.

Com *São Bernardo*, é exatamente assim. Na visão geral, estamos diante de uma bela história, que é dura, triste e até mesmo áspera. A narração, em perfeita harmonia com o que se narra, é igualmente dura, triste e áspera. Quando se chega mais perto, impressionam o tom da narrativa, a descrição precisa e econômica dos cenários e dos contextos geral e próximo, a força e, ao mesmo tempo, a impotência do protagonista narrador. Se nos aproximarmos ainda mais, ficaremos encantados com o ritmo das frases, a crueza dos diálogos, a exatidão cirúrgica das palavras e a economia nos adjetivos. Da tela vista do alto ao detalhe das pinceladas, *São Bernardo* fascina, hipnotiza, comove e impressiona.

Ao morrer, em 1953, Graciliano Ramos já ocupava um lugar de destaque na literatura em língua portuguesa. De lá para cá, seu prestígio só fez crescer, levando-o, segundo muitos, ao topo da pirâmide dos romancistas de sua geração, a chamada “geração de 30”. Aquela não foi uma geração qualquer, e sim a mais profícua de nossa história literária, com gigantes como José Lins do Rêgo, Jorge Amado, Érico Veríssimo, José Geraldo Vieira, Cyro dos Anjos, Lúcio Cardoso, Cornélio Penna, José Américo de Almeida, Raquel de Queiroz, Autran Dourado, Marques Rebelo, entre outros. *São Bernardo*, ao lado de *Vidas secas* e *Memórias do cárcere*, tem um peso enorme nessa equação.

Paulo Honório narra a própria vida com uma crueza e economia, ou mesmo aridez de palavras, que combinam perfeitamente com a personalidade do narrador. Na história que se conta em *São Bernardo*, forma e conteúdo estão tão perfeitamente imbricadas que parecem ser uma coisa só. Não há exuberância nos cenários ou nas paisagens, não se eleva o volume, não se derramam lágrimas, não há quaisquer excessos, nem de alegrias, nem de tristezas. Sucessos e tragédias são tratados de forma igualmente contida e seca, o que não faz das tristezas e tragédias menos tristes ou trágicas. Esse estilo seco foi admiravelmente descrito pelo também alagoano José Lins do Rêgo em artigo publicado no jornal *O Globo*, em setembro de 1953, por ocasião da morte do colega e amigo: “O romance de Graciliano Ramos é uma desidratação da carne. Tudo neste homem é nervo exposto, é a agonia de um tempo em liquidação (...). Mas como nos grita a sua dor que queria falar baixo...”

No fim das contas, se fosse para atribuir uma única definição a *São Bernardo*, muito mais apropriadamente do que “romance regionalista nordestino”, como escreveram muitos, ou romance sobre a destruição, como preferem outros, ou mesmo psicológico e social, como afirmaram alguns, seria a de que se trata de um monumento literário sobre a solidão humana.

Como toda grande obra de arte, este livro não envelhece. Pode-se ler e reler *São Bernardo* infinitas vezes, e o prazer sempre se renovará, o desconforto será novamente sentido, serão desveladas facetas antes despercebidas, surgirão detalhes em que não se reparara e toques de gênio aos quais não havíamos dado atenção. Em 2024, *São Bernardo* completa 90 anos com o mesmo frescor, a mesma atualidade e a mesma força do dia em que foi lançado.

Cronologia

1892 — Em 27 de outubro, nasce Graciliano Ramos de Oliveira em Quebrangulo, interior de Alagoas, filho de Sebastião Ramos de Oliveira e Maria Amélia Ramos, primogênito dos dezesseis filhos do casal.

1900 — A família se muda para Viçosa, em Alagoas, cidade futuramente escolhida para cenário de *São Bernardo*. Nos anos seguintes, Graciliano começará a colaborar esporadicamente com jornais e revistas literárias, como o *Jornal de Alagoas* e *O Malho*.

1910 — Nova mudança familiar, agora para Palmeira dos Índios, também em Alagoas.

1914 — Graciliano viaja para o Rio de Janeiro, onde trabalhará como revisor em três jornais: *Correio da Manhã*, *A Tarde* e *O Século*, além de colaborar de forma esporádica com o jornal *Paraíba do Sul*, órgão do interior do Rio.

1915 — Regresso a Palmeira dos Índios, onde vai trabalhar com o pai na loja de tecidos A Sincera. Casamento com Maria Augusta de Barros.

1917 — Assume a loja de tecidos no lugar do pai.

1920 — Morte da esposa após problemas de parto, deixando Graciliano com os filhos pequenos Márcio Ramos (n. 1916), Júnio Ramos (n. 1917), Múcio Ramos (n. 1919) e Maria Ramos (n. 1920). Continua a colaborar com jornais.

1925 — Começa a escrever *Caetés*, que, no entanto, não terminará tão cedo.

1926 — Primeiro cargo público, responsável pela educação municipal de Palmeira dos Índios.

1927 — Eleito prefeito de Palmeira dos Índios, em eleição de candidato único.

1928 — Toma posse como prefeito de Palmeira dos Índios. Casa-se, em Maceió, com Heloísa de Medeiros, com quem terá quatro filhos: Ricardo (1929), Roberto (1930), Luísa (1931) e Clara (1932). Roberto falecerá com 6 meses de vida.

1929 — Envia o primeiro relatório de sua gestão como prefeito ao governador de Alagoas. Termina a versão inicial de *Caetés*.

1930 — Envia o segundo relatório ao governador. Renuncia ao cargo de prefeito e muda-se para Maceió, onde é nomeado diretor da Imprensa Oficial do Estado. Continua a colaborar com a imprensa. Em outubro, na chamada Revolução de 1930, Getúlio Vargas derruba o governo de Washington Luís, dando fim à República Velha.

1932 — Demite-se do cargo de diretor da Imprensa Oficial e regressa a Palmeira dos Índios. Começa a escrever *São Bernardo*.

1933 — Volta a Maceió, onde é nomeado Diretor da Instrução Pública do Estado (o equivalente, hoje, a Secretário da Educação). Incentivado por Augusto Frederico Schmidt, revisa e publica *Caetés*.

1934 — Publica *São Bernardo*. Começa a escrever *Angústia*, seu terceiro romance.

1935 — Em outubro, há tentativa frustrada de golpe comunista,

liderada pela Aliança Nacional Libertadora com apoio do PCB, que ficaria conhecida como “Intentona Comunista”.

1936 — Enquanto faz as revisões finais em *Angústia*, é demitido do cargo de Diretor da Instrução Pública, sendo preso no dia seguinte sem uma acusação formal. Ainda que simpaticizante do PCB, Graciliano não era filiado ao partido e nem tomou parte na chamada “Intentona Comunista”, organizada pela ANL no ano anterior. Preso, é levado inicialmente para o Recife e de lá para o Rio de Janeiro, onde fica detido no presídio na Ilha Grande. Com o apoio de amigos do autor, *Angústia* é publicado no Rio.

1937 — É liberto da prisão depois de onze meses e nenhuma acusação. Passa a viver no Rio de Janeiro. Publica *A terra dos meninos pelados*, que recebe o prêmio de Literatura Infantil do Ministério da Educação. Em novembro, Getúlio Vargas lidera um novo golpe de estado, radicalizando o caráter ditatorial de seu governo, inaugurando o chamado “Estado Novo”.

1938 — Graciliano publica *Vidas secas*, seu quarto e último romance.

1939 — É nomeado Inspetor Federal do Ensino Secundário no Rio de Janeiro.

1940-944 — Publicações variadas, traduções e colaborações.

1945 — Publicação do livro de memórias *Infância* e do livro de contos *Dois dedos*. Em novembro, Getúlio Vargas é derrubado, encerrando-se o Estado Novo. A democracia é restaurada e o Partido Comunista Brasileiro (PCB) é colocado na legalidade. Graciliano filia-se ao PCB.

1946 — Publicação do livro de contos *Histórias incompletas*. Começa a escrever *Memórias do cárcere*.

1947 — Publicação do livro de contos *Insônia*.

1948-1950 — Publicações variadas. Traduz o romance *A peste*, de Albert Camus.

1951 — Torna-se presidente da AIE — Associação Brasileira de Escritores, de forte influência do PCB.

1952 — Viaja à Europa, visitando a então União Soviética, a Tchecoslováquia, a França e Portugal.

1953 — Morre no Rio de Janeiro, no dia 20 de março, vítima de um câncer no pulmão. Publicação póstuma de *Memórias do cárcere*, deixado sem terminar e com um último capítulo assinado pelo filho de Graciliano, o também escritor Ricardo Ramos. Outras obras ainda seriam publicadas postumamente nos anos seguintes, como *Viagem* (1954), *Viventes das Alagoas* (1962) e *Linhas tortas* (1962).

Sobre o prefaciador

André Caramuru Aubert é bacharel e mestre em História pela Universidade de São Paulo (USP). Tradutor, ensaísta, romancista e poeta, é colaborador nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Rascunho*, para o qual já selecionou e traduziu mais de 120 poetas estrangeiros, muitos deles inéditos no Brasil. Organizou e prefaciou as edições brasileiras dos álbuns do suíço Rodolphe Töpffer (1799-1846), o inventor das histórias de quadrinhos. Tem nove livros publicados. Seu último romance, *Estevão*, saiu pela Faria e Silva em 2021.

ANOSTRA

Sumário

I	I
II	5
III	8
IV	12
V	20
VI	23
VII	28
VIII	32
IX	38
X	45
XI	48
XII	53
XIII	60
XIV	66
XV	72
XVI	76
XVII	81
XVIII	84
XIX	87
XX	91

XXI	95
XXII	99
XXIII	105
XXIV	110
XXV	118
XXVI	123
XXVII	128
XXVIII	132
XXIX	136
XXX	139
XXXI	143
XXXII	152
XXXIII	158
XXXIV	160
XXXV	164
XXXVI	167



I

